

DE ENTRAR E ESQUECEM-SE DE DIZER POR ONDE HÁ  
VEIS DE SAIR.

DEU-SE A BATAVA DE BATAVA E FRANCISCO! FOI  
VENCIDO, PRESO E CONDUZIDO A MADRID.

RESULTADO DA IMPREVIDÊNCIA DOS CONSELHEIROS,  
PROVANDO-SE ASSIM QUE O BOBO TINHA RAZÃO.

//

## PSICOLOGIA



DIZIA, PARA MAHARBAH MAHARBAH, A DUQUESA  
DE BORGONHA:

SABE PORQUE É QUE AS REIÑAS DE INGLATERRA  
GOVERNAM MELHOR DO QUE OS REIS? PORQUE SOB  
OS REINADOS DAS MULHERES GOVERNAM OS HOMENS,  
ENQUANTO QUE SOB OS REINADOS DOS HOMENS, GOVER-  
NAM AS MULHERES.

# Contos Recontados

## O ÚLTIMO CÁLCULO

ENCONTRAVA-SE NA AÇONIA O CÉLEBRE MATEMÁ-  
TICO FRANCÊS BOSSUT, E A FAMÍLIA QUE LHE  
RODEAVA O LEITO, NÃO CONSEQUIA OBTER O  
MENOR SINAL DE CONHECIMENTO DA PARTE  
DO DOENTE. ENTROU, NESSE MOMENTO, NO QU-  
ARTO, UM OUTRO COLEGA DÊSTE, TAMBÉM MA-  
TEMÁTICO, E DISSE:

ESPEREM, DEIXEM-ME SE EU O FAÇO FALAR.  
E APROXIMANDO-SE DO DOENTE, PERGUNTOU-  
LHE:

— QUAL É O QUADRADO DE DOZE?

— CENTO E QUARENTA E QUATRO— RESPONDEU LHE.

Confesso que cheguei a ter algum constrangimento quando, em diversas ocasiões, se me pôs a questão: publicar em livro o que foste escrevendo nas folhas voláteis dos jornais? O livro é algo de mais consistente, duradouro; o que consignas num semanário vem envolto num inexorável manto de efemeridade... Esquece!

Quicá me deva penitenciar por não ter sucumbido à tentação de desistir. E quando, não há muito, verifiquei que *Cal*, de José Luís Peixoto, era uma colectânea de contos que fora deixando esparsos por aqui e por ali; quando tomei consciência, mais uma vez, de que *Viagens na Minha Terra* fora escrito por Almeida Garrett primeiramente como que em folhetins num jornal... achei que não havia lugar para constrangimento. Aliás, mesmo em relação a textos aparentemente saídos ao correr da pena e dados como crónicas na imprensa local e regional, o exemplo poderia colher-se no próprio Eça de Queirós, que «foi director do periódico *O Distrito de Évora* e colaborou em publicações periódicas como a *Feira da Ladra*».

Ao pensar como aceder ao convite que Celestino Costa me fizera para prefaciá-la esta sua colectânea de narrativas breves, plenas de humor, próprias de fundo de página em almanaque antigo, para amenizar leituras... foi esse carácter leve e despreocupado da crónica, amiúde também eivada de ironia e não isenta de alguma causticidade, que, de imediato, me ocorreu. E a dúvida voltou a assaltar-me. Acerca do prefácio e, não o nego, acerca de um livro com um conteúdo assim.

Dissera-me Celestino Costa que ainda queria publicar mais um livro; estava, porém, muito longe de mim a ideia de que, após os seus dois suculentos livros de poemas e a saborosa evocação das pessoas faladas nesses versos, depois de se haver publicado a colectânea de frases célebres, também fosse sua intenção dar à estampa um livrinho com estas invulgares características. Livrinho, disse bem; não o apontamento de crónica em jornal ou em boletim de colectividade ou em momento de distensão num programa radiofónico. Era livrinho mesmo! E interroguei-me, pois, acerca das suas razões e, sobretudo, acerca dos possíveis objectivos de eu próprio acarinhar o pretendido.

Quando se propusera disponibilizar esses ditos que, ao longo da vida, respigara aqui e além e que, de certo modo, interiorizando-os, haviam sido – e são! – faróis a alumiar caminhadas – a primeira reacção fora: «Para quê?» E compreendeu-se de pronto que, fruto de muitas horas de recolhimento, esse labor frutificara – para si e para os outros. Fora *Dos Outros para Mim*; era **de si para os outros**.

Idêntica questão a mim mesmo coloquei perante estes *Contos Recontados*. Antologia aparentemente sem préstimo, compilação vulgar, desinteressante. Pouco a pouco, porém, à medida que passavam no computador em letra de forma os instantâneos recolhidos, o entusiasmo crescia, assim como a vontade de, lido um, logo querer saborear o seguinte e imaginar quanto Celestino Costa se deliciara também em recontá-lo.

Uma tarefa que lhe ocupou longas horas de pausa, importa dizê-lo. Como na capa se mostra, tudo foi meticulosamente escrito a lápis, em capitais, um jeito que lhe ficou desde o dia em que, para não cometer erros na gravação de epitáfios, em capitais passou a escrever quanto lhe era proposto. É que, uma vez, por o texto vir em cursivo, não compreendera bem o escrito e... foi o cabo dos trabalhos!...

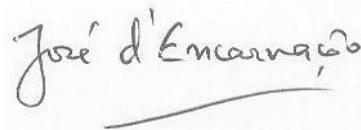
Comecei por evocar figuras de escritores, como Eça e Garrett, cuja obra invisível – ou de mui escassa visibilidade – se terá perdido em manuscritas folhas avulsas. Não foi, por conseguinte, sem um franzir de sobrolho que deparei, no meio da colecção dos livros de bolso das Publicações Europa-América, com o nº 272, que ostentava o estranho título *Dicionário de Milagres*, da autoria de... Eça de Queirós! Estou a lê-lo. Trata-se de uma compilação de milagres dos mais diversos santos, narrativas colhidas em hagiologias antigas. Cito: Simeão, o *Metafraste* (tradutor), hagiógrafo bizantino que viveu na segunda metade do século X e que, em 10 volumes, contou, numa linguagem simples, a vida de 149 santos; James Craigie Robertson (1813-1882), docente de História Eclesiástica no Kings College, de Londres (1864-1874), e que escreveu uma *História da Igreja Cristã até à Reforma* (4 volumes, 1854-1873); Paul Guerin (1830-1908), autor de *Les Petits Bollandistes: vie des Saints*, 15 volumes vindos a lume de 1866 a 1869; o hagiógrafo dominicano Tomás de Cantimpré (1201-1272), que narrou a *Vida de Santa Lutgarda*, mística belga (1182-1246), pioneira da devoção ao Sagrado Coração de Jesus... E muitos outros! Quem o diria? É este o

autor d'Os Maias e d'A Cidade e as Serras?!... Mais próximo o vejo aqui dum *Suave Milagre*, o conto que sempre me deliciou. Mas...o próprio Silva Bastos, depois de explicitar ser uma «obra publicada postumamente pelo editor» se interroga: «Seria esta compilação o ponto de partida para uma obra de diferente teor e de maior envergadura, que a morte interrompeu?»

Não pôde Eça completar o projecto; não quis Celestino Costa deixar guardado na gaveta o manuscrito que paulatinamente foi copiando, qual solitário monge em mui recatada cela...

Depois de ter, ele próprio, através destas linhas, penetrado na intimidade dos grandes – este, que era um distraído (por estar absorto em teorias alheias ao quotidiano concreto), aquele, que tinha estranhas manias... –, convida-nos agora a uma sedutora partilha. E sedutora, porque nos conduz a uma conclusão: afinal, os grandes homens foram como nós! Vamos espreitá-los mais de perto, inclusive para perlar de sorrisos o manto cinzento com que, amiúde, outros muitos nos querem envolver as jornadas!

Cascais, 22 de Janeiro de 2015



*José d'Encarnação*

Associação Cultural de Cascais

#### FICHA TÉCNICA

*Autor:* Celestino Costa

*Título:* **Contos Recontados**

*Capa:* José Luís Madeira

© Celestino Costa

*Edição:* Apenas Livros e Associação Cultural de Cascais

*Revisão:* José d'Encarnação

250 exemplares

2015

Depósito Legal: 389560/15

ISBN: 978-989-618-501-5